

Vídeo no celular: primórdio, desdobramento e diversificação¹

Mercicleide RAMOS²

Nadja CARVALHO³

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Resumo: Neste artigo registramos a primeira geração de vídeos feitos por celular, todos pesquisados em sites como YouTube e Vimeo. O material reunido foi examinado de acordo com a tecnologia disponível a partir de 2004, período em que a câmera de vídeo é integrada ao aparelho. Em nosso primeiro levantamento (2007/2009) registramos uma dezena deles, quando foi identificada uma proximidade com o “cinema mudo” e, mais recentemente (2014/2015), retomamos para avaliar esta produção em seu crescimento e diversificação. O propósito é mapear a primeira geração de vídeos celular e montar um painel da aventura tecnológica dessas imagens e refletir sobre as expressões temáticas.

Palavras-chave: mapeamento; geração e vídeo celular.

Introdução

O primeiro celular é criado em 1973 e se chamava Dyna Tac, da fabricante Motorola. No Brasil, o aparelho é lançado na década de 90⁴, sete anos depois temos a segunda geração de celulares (2G), com eles alguns recursos como o envio de texto via SMS. A partir do ano 2000, o país vive uma intensa evolução na telefonia móvel. Em 2002, a novidade é o primeiro aparelho com câmera fotográfica, o Sanyo SCP 5300, da Sony Ericson, com resolução de 640X480 pixels, zoom de 4x e 3m de alcance.

No ano de 2004, o *Sony Ericsson K700*, vem com câmera de vídeo VGA, de 640X480 pixel e memória de 41 MB. Em 2005 surge o N90, da Nokia, com vídeo em formato MPEG-4 e memória de 31MB. Dois anos depois a mesma fabricante apresenta o N95, com câmera de 5 megapixels e resolução de 640x480, ele torna-se um dos mais utilizados na gravação de vídeo. Hoje, o mercado dispõe de celulares com memória interna de até 32GB⁵, câmera de 20 megapixels, com resolução de 1920x1080, microfone interno e gravação em

¹ Trabalho apresentado no DT 4 - Comunicação Audiovisual do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, no Rio de Janeiro, realizado de 03 a 07 de setembro de 2015.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGC, e-mail: mercicleide@hotmail.com

³ Orientadora e coautora do artigo. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGC, e-mail: naddj@ig.com.br

⁴ De acordo com E. Siqueira (2008), em 1990 o celular chega primeiro nas cidades do Rio de Janeiro e Brasília, três anos depois São Paulo recebe a telefonia móvel. Em 1997 temos a segunda geração digital com tecnologia CDMA e GSM. A partir desse período, o Brasil vive profundas transformações no setor e tornar o aparelho mais acessível aos brasileiros. Segundo a ANATEL (Agência Nacional de Telecomunicações) o país encerrou o ano de 2014 com 280, 73 milhões de linhas ativas de telefonia móvel. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/02/numero-de-linhas-celulares-no-brasil-cresce-35-em-2014.html>. Acesso: 16 jul.2015.

⁵ O Lumia 930 e Lumia 1020, ambos da Nokia, apresentam uma das melhores câmeras de vídeo do mercado. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/10/lumia-930-ou-lumia-1020-confira-o-comparativo-de-celular-da-semana.html>. Acesso em: 13 jul. 2015.

full HD. É a partir dessa tecnologia móvel, que capta “imagens voláteis” em trânsito, que se produz os vídeos pelo celular⁶, que podem ser assistidos em telas móveis e fixas, compartilhados via *bluetooth* ou acessados em sites como Youtube e Vimeo⁷.

Qualquer levantamento acerca desses vídeos produzidos por celular terá que levar em conta o implemento tecnológico atribuído aos aparelhos; na concorrência desse mercado a disputa pela tecnologia celular mais moderna é acirrada e mutante, constituída por compulsões mercadológicas que permitem agilizar os desdobramentos das gerações de vídeos que vão se configurando e respondem ainda por sua grande diversificação de estilos e temáticas.

Neste artigo o nosso objetivo é identificar as particularidades desses vídeos feitos por celular para montar um painel que permita visualizar a produção das imagens móveis, no tocante aos temas tratados. É possível identificar certas características dos primórdios do “cinema mudo” associadas a algumas configurações experimentais do vídeo celular.

Apresentamos a 1ª geração de vídeo celular (2004/2008), os resultados integram pesquisa videográfica⁸ em andamento, que permitiu até o momento examinar 91 vídeos, com resultado distribuído entre os gêneros: ficção (72), documentário (4), animação (8) e vídeo clipe (7). Os vídeos foram catalogados e dentre eles escolhemos aqueles que exibem as principais tendências temáticas em seus respectivos estilos.

Nessa 1ª geração detectamos uma forte presença do registro, da comédia e da mágica, os vídeos eram feitos com certo amadorismo e sem grandes pretensões. No final de 2008, os vídeos abordam os gêneros de ficção, documentário, animação, novela e vídeo clipe. A partir desse período, o vídeo celular conquista maior visibilidade e expansão. Concluiremos esta reflexão com dois vídeos do começo de 2009, como exemplos de transição da 1ª para a 2ª geração.

De início: o registro, a comédia e a mágica

Logo após a inserção da câmera de vídeo no celular, muitas pessoas começam a fazer pequenos registros do cotidiano. A novidade gerou um volume expressivo de vídeos

⁶ Os vídeos se multiplicam na Web, ocupam espaços midiáticos e festivais audiovisuais; despertam o interesse de realizadores independentes, estudantes de comunicação, mídias digitais e cinema, profissionais da mídia, da EAD, criadores e mantenedores de sites, diretores profissionais, e outros.

⁷ A partir da criação dos sites norte-americanos YouTube (fev., 2005) e o Vimeo (dez., 2004) foi permitido carregar e compartilhar vídeos em formato digital. A revista *Time* - edição de 13 de nov. de 2006 - elegeu o YouTube como o melhor inventor do ano por: “criar uma nova forma para milhões de pessoas se entreterem, se educarem e se chocarem de uma maneira como nunca foi vista”. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,AA1340903-6174-363,00.html> Acesso em: 13 jul. 2015.

⁸ A pesquisa integra trabalho dissertativo de Mercicleide Ramos no PPGC/UFPB, no período de 2015/2017, sob a orientação de Nadjá Carvalho.

na internet e aos poucos nada escapava das pequenas lentes do dispositivo. Em seguida, vieram às comédias, as situações engraçadas, as brincadeiras e o riso. O registro continuava a ser produzido aos montes, mais agora, era o momento de pensar em algo divertido e se possível inserindo o celular dentro da cena, como ocorre nas comédias. Os vídeos de mágica também surgem nessa época e até hoje são produzidos. Essa constatação ocorreu durante o levantamento dos vídeos, onde uma grande parcela aborda o registro, a comédia e mágica como temas frequentes. Atualmente esse material faz parte do banco de dados de nossa pesquisa que se encontra em andamento.

As marcas temáticas presente na origem dos vídeos feitos por celular se assemelham em alguns aspectos com algumas temáticas do nascimento do cinema em 1895, na França, com os irmãos Louis e Augusto Lumière, que através de um cinematógrafo⁹ realizavam filmes ligeiros. No início dos primeiros experimentos não se sabia ao certo a importância destes vídeos feitos por celular ou daquela realização de filmes feitos por cinematógrafo, muito menos se podia prevê o futuro reservado ao que era produzido naquela época.

É natural que gerações subsequentes conservem particularidades de gerações que as antecedem; L. Bambozzi (2009, p.27), a esse respeito, recorda que em programas multimídias encontrados na web, mesmo que a lógica dos cd-roms dos anos 90 tenha contribuído para a criação de outros formatos, ainda assim eles “remetem, a grosso modo, às peças teatrais filmadas nos anos de 1900”. Nessa direção pode-se dizer que a fotografia trás certas marcas hereditárias da pintura e o cinema as marcas da fotografia.

Os filmes criados pelos irmãos Lumière (1895)¹⁰ e os feitos por celular da 1ª geração (2004 a 2008) possuem características que se aproximam, dentre elas pode-se identificar: breves registros do cotidiano, de curta duração devido a pouca memória de arquivo, a posição da câmera captura um único ponto de vista e as gravações são amadoras, com pouca profundidade de campo, feitas em um único espaço com iluminação ambiente e presença de poucos personagens.

A. Machado (2011, p.174) define o vídeo como um sistema híbrido que transmite mensagens e “opera com códigos significantes distintos, parte importados do cinema, parte

⁹ Cinematógrafo é um aparelho que capta a imagem em movimento. O termo deriva do grego (Kinema) que significa movimento. Na França, em 1895, os irmãos Lumière patenteiam o aparelho e através dele realizam os primeiros filmes da história do cinema. Fonte: <http://gshow.globo.com/novelas/lado-a-lado/Fique-por-dentro/naquele-tempo/noticia/2012/11/naquele-tempo-ancestral-da-filmadora-cinematografo-deu-origem-ao-cinema.html>.

¹⁰ Esse período do cinema também é conhecido como “cinema de atrações”, compreende os filmes de 1895 até 1908, essas primeiras exibições cinematográficas ocorriam em diversos locais e geralmente eram acompanhadas por outras atrações já conhecidas da época (com apresentações circenses, dança e teatro). Disponível em: < <http://site.sesc.com.br/cinema/historia+do+cinema+mundial.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

importados do teatro, da literatura, do rádio e mais modernamente da computação gráfica”. O produtor tem a liberdade de agregar essas partes e fazer o que bem desejar, pois não existe uma fórmula que estabeleça certo ou errado, tudo é possível quando se deseja criar.

P. Dubois (2004, p.48-58) diz que durante muitos anos procurou-se uma identidade para o vídeo, só depois de algumas discussões, menos provocativas e pessimistas, é que se viu nele um instrumento revolucionário, com uma estética inovadora, uma linguagem autônoma e consistente. Era algo ainda em formação que inquietava e “no momento em que se tentava apreendê-lo ou construí-lo, o vídeo escapava por entre os dedos, como a areia, o vento ou a água”. Acrescenta ainda, o “vídeo não é um objeto, ele é um estado. Um estado da imagem. Uma forma que pensa. O vídeo pensa o que as imagens (todas e quaisquer) são, fazem ou criam”.

Os “códigos significantes” importados de outros formatos artísticos pelo vídeo, aos quais se refere A. Machado, e o entendimento do vídeo como “uma forma que pensa”, conforme vê P. Dubois, em seu conjunto, definem particularidades identificadas no vídeo celular. O vídeo expressa a partir do seu próprio formato uma diversidade simbólica de significações, essa característica é essencial para filmes de curtíssima duração porque explora a ideia de acordo com o tempo e o espaço permitido pelo aparelho de captação e também de exibição, assim se constrói uma linguagem própria e são criadas várias propostas estéticas, com imagens vistas em telas multidirecionais, muitas vezes recortadas e montadas como num jogral mutante.

Vídeo celular e o cinema dos Lumiére

Citaremos vídeos de registro feitos por celular¹¹ que fazem parte da 1ª geração para que se possa refletir e comparar com os filmes dos Lumiére. O propósito é ressaltar alguns pontos em comum entre eles, escolhemos seis vídeos e quatro filmes: a. *Celular, Mágica do celular e Toró* (2006); b. *Dança anos 60* (2007); c. *Minha gatinha de 97 anos e Celular barbeador* (2008); d. *O almoço do bebê* (1895); e. *A saída dos operários da fábrica* (1895); f. *O Regador regado* (1896); g. *Le Magicien* (1896)

O vídeo *Celular* (2006) não tem som, não apresenta crédito, foi gravado em um só plano, com duração de 14 segundos. A câmera estável foca em um celular que se move agitado sobre uma mesa, ele se mexe para todos os lados até sair da mesa que fica completamente vazia. O filme *A saída dos operários da fábrica* (1895), dos irmãos

¹¹ Todos disponíveis em: < <https://www.youtube.com>>. Acessado em: 19 mai. 2015.

Lumière, com duração de 40 segundos, exhibe os funcionários da fábrica dos cineastas saindo do trabalho; as pessoas caminham apressadas e aos poucos todos vão embora, o portão se fecha e o filme acaba.

É interessante observar o registro dos movimentos do celular e dos operários, ao que parece, esse é um dos objetivos tanto do filme quanto do vídeo, expor a movimentação até provocar o desaparecimento do aparelho ou o deslocamento de partida dos personagens. Na época dos Lumière a sociedade conhecia a fotografia, mas desconhecia o movimento das imagens até a chegada do cinema. Para L. Santaella (2007, p.362) um dos limites da fotografia refere-se ao caráter dinâmico da realidade que enxergamos e, em sua opinião, foi essa limitação que o cinema veio superar: “É em razão disso que, no seu sentido expandido, cinema é uma arte do movimento”.

Dança anos 60 (2007), mostra um pequeno grupo de jovens em uma escola dançando músicas dos anos 60. O registro é feito em uma só tomada com a câmera na mão, temos plano geral e médio, à imagem é granulada, o áudio tem muitos ruídos e há ausência de créditos finais. Há centenas de outros vídeos no youtube que trazem a dança como o tema. *Minha gatinha de 97 anos* (2008), de 02:11 segundos, registra uma senhora de 97 anos de idade conversando com a família em uma sala de estar. Esse segundo vídeo tem características técnicas similares ao anterior.

As cenas capturadas nesses dois vídeos recordam o filme *O almoço do bebê* (1895), de 43 segundos, em que um dos irmãos Lumière alimenta um bebê na companhia da esposa que toma chá. Esse filme tem particularidades semelhantes aos dois vídeos celular citados: a câmera é fixada em um único ponto de vista, há pouca profundidade de campo, curtíssima duração a sua ação é inevitavelmente linear, possui imagem granulada, captura em um só plano sequência, único ambiente em que ocorre a ação, ausência de créditos e a presença de poucos personagens. Esses registros do cotidiano foram o marco inicial para a produção de vídeos por celular com uma maior duração de tempo, planos diversos, roteiro, edição, planejamentos e diversificação.

Segundo A. Lemos (2007, p.8) o uso de telefones celulares conectados à internet fomentam cada vez mais a circulação e o acesso às imagens. Para ele, as fotos e os vídeos feitos pelo aparelho podem fazer da “portabilidade, da mobilidade, do tempo imediato, da conexão e da difusão em rede a diferença fundamental em relação aos vídeos produzidos por câmeras portáteis”. Afirma que, não se trata de cinema, mas da reconfiguração dele. O

uso do telefone celular na feitura de vídeos é uma prática muito recente e que constantemente se reconfigura, desloca, expande e surpreende.

A autora L. Santaella (2003, p.82) observa que, quando reportamos ao celular, o excepcional é dispor de um telefone com mecanismo de gravação, ele junto a computadores portáteis conectados a web, contribui para que “cada um possa torna-se produtor, criador, compositor, montador, apresentador e difusor de seus próprios produtos”. Nesse caso, a imagem passa a conquistar os mais diversificados territórios, conforme acrescenta T. Lopes (2014), que vão desde as interfaces até o próprio corpo humano e desprendem-se do espaço através da filmagem, um transporte perfeito para fazer circular as imagens por todas as direções.

A comicidade é uma das marcas desse primeiro cinema, onde cenas de confusão, perseguição e surpresa são vistas em vários filmes. A. Bahiana (2012, p.176-78) apresenta uma classificação da comédia, subdividida numa pirâmide: no topo está situada a *alta comédia* (comédia de ideias, de personagens); na faixa média, temos a *comédia de situação* (vem da situação em que os personagens se encontram); e na base da pirâmide, temos a *comédia física* (ela prescinde do conhecimento prévio, alicerça a comédia do cinema mudo).

O filme *Regador regado* (1896), de Louis Lumière, é um típico filme da *comédia física*, em que um homem rega um jardim enquanto um garoto insistentemente pisa na mangueira com a intenção de irritá-lo; o jardineiro perceber a travessura do jovem e o persegue para dar uma lição. A comédia também está muito presente na 1ª geração de vídeo celular¹², em seus diferentes tipos e ainda podem aparecer misturadas: *alta comédia*, *comédia de situação* e *comédia física*.

O vídeo *Celular barbeador* (2008), de 42 segundos é gravado com câmera na mão e exhibe em primeiro plano um rapaz sentando em frente ao computador. O celular do jovem toca e escutamos uma sirene de carro de polícia, é a namorada. Ele atende e pede que aguarde na linha, pois está fazendo a barba; ele imita o som do barbeador com a boca e a garota parece não perceber, ao retornar ele diz ter terminado o barbear. A ligação termina, ele dá risadas da sua façanha e o vídeo acaba. Temos aqui uma *comédia de situação* associada à *comédia física*, definida pela falsa sonoridade de um barbeador ligado para

¹² Muitos são os vídeos dessa 1ª geração que utilizam a comédia, a exemplo de *Perigos do celular* (2006), *A encoxada do celular* (2007), *Celular multifuncional* e *Crente celular* (2008), todos são cômicos, de curta duração e com a presença marcante do aparelho celular em cena.

ludibria a namorada, num contrassenso de situação extrema sugerida pelo toque da sirene do carro de polícia.

Outro aspecto similar é a presença da mágica tanto nos primórdios do cinema como na produção de vídeos por celular. No filme *Le Magicien* (1896) dirigido por George Meliés¹³, um mágico, um palhaço e um escultor fazem objetos aparecer e desaparecer. Sabemos tratar-se de um artifício simples de ligar e desligar a câmera com o objeto em cena e fora dela. Em alguns filmes, George Meliés exerce as funções de ator, diretor, produtor, cenógrafo e mágico; essa característica de múltiplas atividades também é comum na produção dos vídeos por celular, a exemplo de *Toró* (2006), em que o realizador André Amparo assume as funções de diretor, produtor, cinegrafista e editor.

Mágica do celular (2006), gravado em plano sequência, mostra uma mulher segurando um celular, ele está posicionado na vertical para facilitar a visualização; em silêncio com o olhar direcionado para a câmera, ela o movimenta vagarosamente de um lado para o outro, como uma preparação para a mágica; em seguida, segura firme com as duas mãos e faz um gesto apontando para o aparelho que desaparece num passe de mágica. Vale dizer que, no vídeo a cor sépia é usada para conferir ideia de antiguidade e assim recordar o ilusionismo como uma prática antiga do cinema; outro aspecto é o uso da voz masculina que narra às ações da mulher que expõe o truque, esse narrador nos faz lembrar a figura do comentador presente nas projeções de 1900¹⁴.

Esta tendência é constatada no decorrer de vários anos. Em alguns vídeos¹⁵ o celular realiza inusitadas façanhas como fazer sanduiche e grudar na parede, já em outros simplesmente some de cena, entre eles: *Telefone na garrafa* (2006), *Las manos mágicas* (2007), *Mágica do celular que gruda na parede* (2008), *Mágica na escola* (2009), *Mágica com celular* (2010), *Mágica de celular sem efeitos* (2011), *Mágica, fazer o celular desaparecer* (2012), *Mamadeira mágica* (2013), *Duplicando dinheiro* (2014), *A mágica da capa do celular* (2015).

Outro exemplo é *Iphone mágicas* (2008), o consideramos um dos mais criativos deste grupo. Nele um rapaz em silêncio realiza várias mágicas, em uma delas observamos

¹³ O ator e ilusionista francês George Meliés (1861–1938) foi um dos mais brilhantes mágicos de sua geração. Ele também fez história no cinema, um de seus filmes mais famosos é “Viagem a Lua” (1902). Disponível: < <http://www.infoescola.com/biografias/george-melies/>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

¹⁴ Nas exibições cinematográficas entre 1900 até 1910 havia geralmente a presença de um comentador. Essa pessoa era responsável por apresentar o filme e levantar algumas considerações sobre a obra para o público, conforme A. Gaudreault e F. Jost – 2009.

¹⁵ Todos disponíveis em:< <https://www.youtube.com>>. Acessados em: 19 mai. 2015.

através da tela do aparelho dezenas de grãos de milho estourando, com uma das mãos ele atravessa o celular e toca na pipoca que acabará de estourar.

Figura 1 – Quadro da primeira geração de vídeo celular

Vídeo	Ano	Gênero
<i>Celular</i> (S.I.R – Sem Identificação do Realizador)	2006	Registro
<i>Mágica do celular</i> (S.I.R)	2006	Mágica
<i>Telefone na garrafa</i> (S.I.R)	2006	Mágica
<i>Fazendo a barba</i> (S.I.R)	2006	Comédia
<i>Perigos do celular</i> (S.I.R)	2006	Comédia
<i>Toró</i> de André Amparo	2006	Registro
<i>Las manos mágicas</i> (S.I.R)	2007	Mágica
<i>A encoxada do celular</i> de Alexandre D`Agostinho	2007	Comédia
<i>Dança anos 60</i> (S.I.R)	2007	Registro
<i>Minha gatinha de 97 anos</i> (S.I.R)	2008	Registro
<i>Celular multifuncional</i> (S.I.R)	2008	Comédia
<i>Mágica do celular que gruda na parede</i> (S.I.R)	2008	Mágica
<i>Celular crente</i> (S.I.R)	2008	Comédia
<i>Celular barbeador</i> (S.I.R)	2008	Comédia
<i>Iphone Mágicas</i> (S.I.R)	2008	Mágica
<i>Mágica na escola</i> (S.I.R)	2009	Mágica
<i>Autor retrato</i> de Celso Ricardo	2009	Drama
<i>Jandira</i> de Alessandra Cardoso	2009	Comédia
<i>Mágica com celular</i> (S.I.R)	2010	Mágica
<i>Mágica de celular sem efeitos</i>	2011	Mágica
<i>Mágica, fazer o celular desaparece</i> (S.I.R)	2012	Mágica
<i>Mamadeira mágica</i> (S.I.R)	2013	Mágica
<i>Duplicando dinheiro</i> (S.I.R)	2014	Mágica
<i>A mágica da capa do celular</i> (S.I.R)	2015	Mágica

Fonte: Apanhado de vídeos e confecção de tabela, realizados por Mercicleide Ramos (2015).

Esse breve panorama contribui com a identificação das principais temáticas da 1ª geração. Outros temas não deixavam de serem tratados, inegavelmente os pequenos registros, a comédia e a mágica são imbatíveis no quesito quantitativo. No Brasil, o vimeo foi lançado em 2004 e o youtube em 2005, mesma época em que a câmera de vídeo foi integrada ao celular. Devido a esse lançamento e integração quase concomitantes, enfrentamos certa dificuldade de encontrar vídeos desses dois anos. Mesmo assim, entendemos que eles já eram realizados desse esse período, porém ainda com pouca divulgação e circulação.

Ideia, roteiro e realização

Na construção de um objeto fílmico deve-se considerar o seu processo de feitura como um todo, E. Leone e M. D. Mourão (1993) dizem que ele só pode ser entendido na articulação entre as etapas: roteiro, realização e montagem. Concordamos desde que se procure conhecer sua anterioridade fílmica, que no caso do vídeo celular está vinculada ao “cinema mudo” e, em sendo assim, podemos dizer que sua procedência está vinculada, em muitos casos, a “comédia física” ou “comédia de pastelão”. Conforme o gênero comédia, na definição de A. M. Bahiana (2012) - e em suas gradações *alta comédia*, *comédia de situação* e *baixa comédia*-, ele não é o único identificado na 1ª geração de vídeo celular, existem outros - o *registro* e a *mágica* - são gêneros também recorrentes.

Não há dúvida quanto a importância de se conhecer o processo de confecção desse objeto artístico, mas nesse momento de mapeamento da produção foi priorizada a identificação de gêneros e temas mais recorrentes, por entender que em qualquer uma das etapas - roteiro, realização e montagem -, o trabalho é transformar uma ideia em narrativa. C. V. Gancho (1995, p.30) diz que, “a ideia em torno da qual se desenvolve a história” é o que define o *tema*.

Esse encaminhamento é importante para o estudo da 1ª geração de vídeo celular, em razão de se tratar de um tipo de produção que sequer costuma fornecer a identificação do realizador (v. fig.1), por outro lado há de se considerar que as produções mais antigas são amadoras, realizadas sem critérios profissionais. Trata-se de uma geração de vídeos que fez suas descobertas criativas e aprendeu a centralizar numa única pessoa (realizador) as funções de roteirista, diretor e montador, embora em vídeos mais recentes já se perceba a atuação de uma equipe de trabalho.

As noções e distinções entre *tema* (ideia), *assunto* (enredo) e *mensagem* (pensamento ou conclusão), apresentadas por C. V. Gancho (1995), quando são atribuídas ao vídeo *Autor retrato* (2009), de Celso Ricardo, ajudam a revelar a história contada em *flashback*, na qual uma moça olha para si mesma, em uma situação de separação conjugal, até receber o abraço de despedida do rapaz (v. fig.2). Conforme tais noções pode-se exemplificar o seguinte:

Tema - “amor desfeito e recordação”;
Assunto - “separação conjugal do casal”;
Mensagem - “o auto retrato da protagonista é feito de lembranças”.

Figura 2 – Autor retrato



Fonte: frame do próprio vídeo

O elemento estruturador desta história é o conflito do casal, ocorrido no passado, mas que se opõe a outro conflito que é marcado pela tensão revivida na memória da moça. A exposição do passado no presente define no clímax da despedida do casal, um desenlace nada feliz. Já em outro vídeo, *Jandira* (2009), de Alexandra Cardoso, o clímax revela um momento de tensão fundado na comédia (v. fig.3), onde a protagonista é uma “secretária do lar” que encarna a figura da patroa, usa seus produtos de beleza, experimenta adereços e um vestido, até ser despertada da fantasia quando é chamada: Jandira! Conforme a entonação do chamado, entende-se que seja a patroa solicitando a sua presença nos serviços.

Tema - “Desejo de ascensão social”;

Assunto - “Jandira experimenta cosméticos e o vestido da patroa”;

Mensagem - “Se podemos sonhar, também podemos tornar os nossos sonhos realidade”
(Walt Disney).

Figura 3 – Jandira



Fonte: frame do próprio vídeo

Citamos *Jandira* e *o Autor retrato*, como representantes da ultrapassagem da 1ª para a 2ª geração de vídeo celular. A comédia naturalmente acompanha essa transição, mas agora ela é produzida com base em um roteiro, com uma produção e o processo de montagem. O drama entra em cena e divide espaço com o cômico. O registro do cotidiano perde um pouco seu impacto e abre território para vídeos que buscam transformar uma ideia em narrativa. Começamos a contar histórias (com início, meio e fim) sobre diversos assuntos, muitos deles conhecidos pela sociedade, como é o caso da separação conjugal.

A partir de 2008, os vídeos adquirem uma nova estrutura e são executados por profissionais iniciantes e também alguns conhecidos no mercado, a exemplo do João Paula Miranda, diretor de *A girl and a gun* e *Brás Cubas delírios*, ambos feitos com celular. Partimos do vídeo de registro, de comédia e da mágica para gêneros como o documentário, ficção e animação, com isso enxergamos uma produção que constantemente se reconfigura, se descobre e expande para novos horizontes ainda em formação.

Considerações

O intenso avanço da tecnologia móvel torna o celular um potencial parrelo repleto de recursos e funções. Com ele é possível se executar inúmeras atividades, entre elas a

gravação de vídeo. Talvez, quando as fabricantes resolveram integrar a câmera ao aparelho não imaginasse a consequência dessa união. Nas primeiras páginas do artigo trouxemos informações técnicas das primeiras câmeras, curiosamente elas foram as que mais evoluíram dentro do aparelho e conquistaram uma maior resolução e memória. O resultado são vídeos espalhados por todos os lados, neles breves registros do cotidiano, como o passeio no shopping ou uma conversa informal de mulheres. Tudo parecia importante de ser captado e exalavam um ar de novidade e curiosidade. Em seguida, surgiram os vídeos cômicos e os de mágica, assim como os de registro, também tinham curta duração, imagem granulada, som com ruído, câmera fixa e muitos sem a identificação do realizador no vídeo. Era o momento de experimentar e descobrir as potencialidades da pequena câmera.

No caso do vídeo celular, em particular na ultrapassagem da 1ª geração (2004/2008) para o início da 2ª geração (2009/2015), uma série de características foi encontrada: maior duração de tempo, edição feita em computador ou no próprio celular, mudança de planos, uso frequente de closes, maior número de cenas, trilha sonora compatível à história e melhor qualidade técnica da imagem e do som. Os lançados na fronteira (final de 2008 e início de 2009) não se assemelham em quase nada a simplicidade dos primeiros (de 2004 a 2008), gravados na maioria das vezes para serem vistos no próprio aparelho ou na internet.

Gradativamente, os vídeos deixavam de ser apenas registro do cotidiano e passavam a contar histórias, a exemplo de *Autor retrato* e *Jandira*, citados anteriormente e que apresentam maior duração de tempo, roteiro, profundidade de campo, presença de atores, diversificação de planos, edição (com inserção de créditos, ajuste de luz e de áudio, efeitos de transição e etc.), movimentação de câmera e divulgação na internet.

Alguns realizadores brasileiros (João Paulo Miranda, Giuliano Chiaradia, Cavi Borges, Pedro Miranda e Carol Agabiti) começam a enxergar o celular como uma ferramenta versátil e acessível, principalmente para criação de vídeos de baixo orçamento, não demora muito e esses diretores inserem o celular em suas produções. Logo, se multiplicam as ilhas de edição não linear, tutoriais na web, equipamentos construídos de forma caseira (como rebatedor, travelling e tripé) e o surgimento de pequenas equipes.

O celular, aos poucos tem democratizado e facilitado o acesso à câmera de gravação, o que para os produtores é algo fantástico. Também tem promovido maior compartilhamento de imagens e o ingresso de realizadores independentes na produção de curtas. Mesmo sendo muito cedo para previsões sobre o futuro desses vídeos, acreditamos que interessantes obras eclodiram dessa telinha e farão a alegria de produtor e público.

Referências

- BAHIANA, Ana Maria. **Como ver um filme**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BAMBOZZI, Lucas. **Microcinema e outras possibilidades do vídeo digital**. São Paulo: @Livros Digitais, 2009. Disponível em: < <http://www.lucasbambozzi.net/wp-content/uploads/2009/12/microcinema-versao-foto.pdf> >. Acesso em: 17 mai. 2015.
- DUBOIS, Philippe. **Cinema, vídeo e Godard**. Tradução: Mateus Araújo Silva. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- GANCHO, Cândida V. **Como analisar narrativas**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995.
- GAUDREAULT, André; JOST, François. **A narrativa cinematográfica**. Trad. Alberto Müller, Ciro Inácio Marcondes e Rita Jover Faleiros. Brasília: UNB, 2009.
- LEONE, Eduardo e MOURÃO, Maria Dora. **Cinema e montagem**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1993.
- LEMOS, André. **Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM)**. Revista Comunicação, Mídia e Consumo, número 10, ESPM, São Paulo, 2007. Disponível em: < <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/DHMCM.pdf> >. Acesso em: 29 jun. 2015.
- LOPES, Tiago R. C. **Audiovisuais locativos: experiências estéticas com mídias computacionais móveis**. In: BIEGING, Patrícia e AQUINO, Vitor (orgs.). *Olhares do sensível: experiências e dimensões estéticas em comunicação*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2014, p.151-169. Disponível em: < <http://www.pimentacultural.com/#!/olhares-do-sensivel/c1pwy> >. Acesso em: 26 mar. 2015.
- MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. 6ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011.
- PARENTE, André. **Cinema em trânsito: do dispositivo do cinema ao cinema do dispositivo**. In: PENAFRIA, Manuela e MARTINS, Índia M. (orgs.). *Estéticas do digital: cinema e tecnologia*. Covilhã: Labcom, 2007, p.3-31. Disponível em: < http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110824-penafria_esteticas_do_digital.pdf >. Acesso em: 14 jun. 2015.
- SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.
- _____. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.
- SIQUEIRA, Ethevaldo. **Para compreender o mundo digital**. São Paulo: Globo, 2008.